

CANDIDATURAS OFICIAIS DESCONTENTAM POLÍTICOS

A direção nacional da ARENA está numa encruzilhada: ou se define quanto às possíveis candidaturas dos Governadores ao Parlamento em 1974 ou a maioria de Senadores e deputados federais se rebela dentro do Partido. O movimento contra essas candidaturas está crescendo e o Senador Orlando Zancaner, de São Paulo, diz que inspirado e autorizado pelo próprio presidente da ARENA, já exigiu uma definição. Ocorre que não caberá exclusivamente ao Partido essa decisão. Se os Governadores podem ou não ser candidatos depende de entendimentos que abrangerão, além da ARENA, os Governos do General Médici e o futuro, do General Ernesto Geisel. O fato é que a classe política está em rebulição: alguns Estados da Federação, cujos Governadores pretendem concorrer na Convenção. O presidente da ARENA, Petronio Portela, tem, ele próprio, o seu problema pessoal no Piauí. Guindado ao Governo do Estado, Alberto Silva sentiu, nos primeiros instantes, ser impossível criar uma liderança paralela à de Petronio Portela. Partiu, então, para a área administrativa. Começou a trabalhar sem parar.

Criou, produziu, implantou, reformou, virou o Piauí para uma área até então cada vez mais distante, a do desenvolvimento. Como fez com todos os Governadores, o Governo Federal deu-lhe ampla liberdade para constituir o Diretório Regional da ARENA. Petronio Portela saiu presidente mas Alberto Silva colocou lá dentro uma maioria de seus fiéis seguidores. Agora, com o êxito de sua administração, o Governador piauiense quer sair candidato ao Senado. E Petronio Portela, cujo mandato termina no próximo pleito, é candidato à reeleição. Seria o candidato natural, tanto pela posição que ocupa no plano nacional, como pela projeção que deu ao Piauí, além, naturalmente, da liderança que exerce no Estado. Mas seus projetos estão ameaçados pela obra de Alberto Silva se o Sistema der sinal verde aos Governadores: "quem quiser pode ser candidato". E nenhum Governador dos que pretendem vir para o Parlamento quer a Câmara Federal. Todos sonham por uma cadeira de 8 anos no Senado.

Hoje, para argumentar especulando, a situação nos Estados é a seguinte, quanto ao pleito para o Senado em 15 de novembro de 1974:

ALAGOAS - O Governador Afrânio Lima não quer ser candidato. O mandato que termina é o de Teotônio Vilela, escritor e tido como um dos melhores oradores do Senado. Cogita a reeleição, mas poderá enfrentar, na Convenção, o ex-Governador Lamenha Filho, e, remotamente, o atual vice Governador José Tavares. Mesmo assim Teotônio Vilela é o mais cotado.

PERNAMBUCO - João Cleofas pensara em deixar a política para cuidar das Usinas e da fortuna pessoal. Faz política há 40 anos e foi derrotado 3 vezes para o Governo do Estado. Desistiu de desistir e quer concorrer. O Governador Eraldo Gueiros, sem prestígio e muito combatido, não teria condições para disputar qualquer cargo eletivo. Deixa o Governo e volta à banca de advocacia na Guanabara.

SERGIPE - Paulo Barreto de Menezes é o Governador. Nome estranho aos grandes centros de decisões, nunca foi político nem teria condições para enfrentar qualquer outro candidato na Convenção da ARENA. Leandro Maciel faz política há mais de meio século e pensa na reeleição, embora não conte, em princípio, com o apoio de Lourival Batista, que é o maior eleitor sergipano. Os dois poderão se compor de haver uma determinação superior, saindo de Brasília.

ACRE - Wanderley Dantas chegou jovem ao Governo do mais novo Estado da Federação e colocou a máquina para funcionar. Derrotou, em 1970, o nome famoso de Oscar Passos, de amplitude nacional mas que não ia ao Acre por longas temporadas. O Senador que termina o mandato é o oposicionista Adalberto Senna, e o Governador pensa em ser candidato. Ocorreria, aí, uma disputa de palmo a palmo. Sendo o Acre o Estado que tem o menor número de eleitores na Federação, a campanha promete empolgar.

AMAZONAS - O candidato natural é o Senador Flávio Brito, cujo mandato está terminando. Quer concorrer, mas o deputado Leopoldo Perez pensa do mesmo modo. O Governador João Walter de Andrade andou pensando em entrar na luta, mas numa verificação de prestígio, sentiu que seria ingloria. Não é candidato.

BAHIA - Antonio Carlos Magalhães quer terminar o Governo tumultuado de trabalho e brigas que faz no Estado. É tido como o melhor Governador que a Bahia já teve. E o que mais brigou com amigos. Um campeão de fazer inimigos. Se pretendesse ser candidato, seria um nome digno de considerações. Mas a Senatória na Bahia será disputada mesmo na Convenção é pelos senhores Luiz Viana Filho e Juracy Magalhães. O primeiro com uma série de vantagens sobre o segundo, inclusive a pertencer ao "staff" do General Ernesto Geisel. O Senador que termina o mandato é Antonio Fernandes, que era Suplente do falecido Aloísio de Carvalho.

CEARÁ - Virgílio Távora tem os votos e César Cals a máquina governamental. A luta já começou. Os dois estão rampidos. Com Virgílio Távora ficou o Senador Waldemar Alcântara e o Senador Wilson Gonçalves preferiu aliar-se ao Governador. E de crer que na Convenção da ARENA os dois nomes serão César Cals e Waldemar Alcântara, com a força eleitoral de Virgílio Távora desencadeada toda ela contra César Cals.

ESPIRITO SANTO - Arthur Gerardt chegou ao Governo como técnico. Havia, na época, uma febre de técnicos e uma ojeriza aos políticos. Não disse ainda, mas fontes de Vitória dão conta de que o Governador gostaria de sentar no Senado. Carlos Lindemberg, septuagenário, é o mandato que termina e quer ser reeleito.

GOIÁS - Emival Caiado é quase desconhecido no Senado. Eleito em 1970 para ocupar a vaga deixada com a cassação de João Abrahão, estaria pensando em abandonar a política. Leonino Caiado pensa em ser Senador.

Guanabara - Chagas Freitas não se aventura. Como único Estado que tem um Governador filiado ao MDB, a melhor situação para o Senado é a do sr. Negrão de Lima. Para enfrentá-lo a ARENA carioca já teria cogitado de dois nomes: General Garrastazu Médici e Marios Andreazza. A terceira opção, de acordo com os rumos dos acontecimentos, seria Gilberto Marinho.

Maranhão - Henrique La Roque está tranquilo. Despede-se da Câmara no próximo ano, porque em 1975 vem direto para o Senado, com apoio de todo mundo, inclusive do maior eleitor do Estado, o Senador José Sarney. O Governador Pedro Nêrta não pensa em ser candidato.

Mato Grosso - O mandato que termina é de Fernando Correa, parente do Governador José Fraquelli. Por exigência da legislação eleitoral, o

Governador teria de renunciar para o velho líder udenista ser candidato à reeleição. O impasse é este. Fernando Correa não quer este sacrifício do parente. O Governador não pensa em Senado, por enquanto, e no caso de Fernando Correa decidir esperar para 1978, sairia candidato o empresário Lúcio Coelho, irmão do Senador Italtio Coelho, Suplente de Filinto Muller.

Pará - O Governador Fernando Guilhon vem de Belém, nos dias de aniversário do Ministro Jarbas Passarinho, só abraçá-lo. Chegou ao Governo pelas mãos do titular de Educação, cujo mandato está terminando no Senado. Consta que o Ministro deixa a Pasta antes de janeiro, para participar do Colégio Eleitoral, e ficaria no Senado para disputar a reeleição. Seu concorrente na Convenção da ARENA, o ex-Governador Alacid Nunes.

Minas Gerais - O mandato de Rondon Pacheco só termina em 1976 e não caberia sacrificar quase dois anos de Palácio da Liberdade para tentar uma cadeira no Senado. Não é candidato.

A vaga a ser aberta é a do Senador José Augusto, que veio para o Senado com a morte de Milton Campos. Não tem condições eleitorais e o deputado José Bonifácio está trabalhando tenazmente para chegar ao Senado depois de mais de 20 anos de Câmara. Dizem em Minas que se o candidato do MDB for Tancredo Neves e o da ARENA José Bonifácio, a banca da Oposição engorda no Senado. Magalhães Pinto, que tem votos, prestígio e dinheiro, não disse nada até agora.

Paraíba - Ernani Satyro pode sair para a Convenção enfrentando João Agripino, que deixa o Tribunal de Contas da União no início do próximo ano. E quem tem votos na Paraíba. O governador está trabalhando como jamais ocorreu no Estado e quer a compensação: uma cadeira de Senador. Não vai ser fácil para Ernani Satyro.

Paraná - é Ney Braga. Quem decide, resolve, comanda, é o Senador Ney Braga. Emílio Gomes, com a humildade e o tirocinio que a luta pela vida lhe deu, fará tudo que lhe for possível para reeleger Ney Braga. Paulo Pimentel quer ser Senador, mas se pretender reinar mesmo à política terá que vir para a Câmara Federal. E ainda a favor de Ney Braga há admiração e a amizade que dedica o General Ernesto Geisel.

Rio Grande do Norte - Cortez Pereira, o Governador, nega que seja candidato. Mas a "mosca azul" já o andou cercando e pode voltar zumbindo. Os candidatos da ARENA são Djalma Marinho e Dix-Huit Rosado, irmão do deputado Vingt Rosado, Prefeito de Mossoró. Se o Governador não entrar, a disputa na Convenção vai ser dura. Djalma Marinho tem o talento, a cultura e os amigos. Dix-Huit Rosado tem a capacidade de aglutinar Diretórios. Outro que estaria pensando em chegar ao Senado, mas não tem condições, é o deputado Grimaldi Ribeiro.

Rio Grande do Sul - é possível que Tarso Dutra negue. Mas seu candidato é Guido Mondim, que disputa a reeleição. Euclides Triches, o Governador, espera por 1978. Daniel Krieger, bem colocado no futuro Governo, depois de alguns anos na planície, terá grande força na indicação.

Rio de Janeiro - Raymundo Padilha até hoje não respondeu ao telegrama com que Paulo Torres lhe comunicou a ascensão à presidência do Senado.

Os dois estão praticamente rampidos e vão sair para a Convenção. Paulo Torres candidato, o MDB não disputa, porque o velho Marechal é tido como figura acima dos partidos. Se Raymundo Padilha batê-lo na Convenção, o MDB apresenta o deputado Adolfo Oliveira. Os dois homens de maior prestígio no Estado são: Amaral Peixoto e Paulo Torres.

Santa Catarina - Colombo Machado Sales, o Governador, quer terminar a administração que faz e voltar às pranchetas e à régua de cálculos no Departamento Nacional de Portos e Vias Navegáveis. O senador que termina o mandato, é Celso Ramos, de atuação discretíssima. O MDB já lançou candidato, Evelásio Vieira, que está em plena campanha. O senador Celso Ramos pensa em ser reeleito mas vai encontrar obstáculos dentro do Partido.

São Paulo - Laudo Natel nega, mas quer sair candidato ao Senado. A vaga a se abrir é de Carvalho Pinto, cuja atuação excessivamente discreta e a escassa participação nos acontecimentos políticos estão encontrando objeções no Partido. Quer disputar, mas terá que enfrentar, no caso de Laudo Natel não puder sair, as intenções senatoriais dos deputados Baldaci Filho, revelação paulista como articulador, e Ademar de Barros Filho.

Hoje, a situação é esta. Entre 8 e 10 Governadores, se o Sistema der autorização, deixam os Palácios 6 meses antes de 15 de novembro vindouro, para ir pedir votos nas ruas e nos campos. Querem ser Senadores, e a classe política começa a perder essas pretensões, por considerar, como o deputado Maurício Toledo, que todos eles, os Governadores, têm um compromisso com a Revolução: ir até o final do mandato. Afinal de contas - diz o representante paulista - foram colocados nos Governos por determinação do Partido do Planalto como delegados pessoais da Revolução e do Sistema. Têm que ficar até o último dia, diz Maurício Toledo, porque, mais ainda, muitos deles, antes de receberem o Governo, não tinham prestígio sequer para se elegerem Vereadores nas respectivas Capitais.

O Senador Orlando Zancaner pensa do mesmo modo. Os Governadores não podem ser candidatos, porque se o forem a ARENA vai amargar derrotas jamais prevista, afirma, ao lembrar que mesmo com o Governo e as máquinas publicitárias, há chefes de Executivos estaduais que não conseguiram, até agora, formar uma imagem positiva. "Há alguns - como afirma o oposicionista Fernando Lyra - que chegam a ser quase odiados pelo povo."

O deputado Airon Rios, nessa linha de raciocínio de que os Governadores têm a máquina para fazê-los candidatos, vai insistir junto à cúpula arenista para uma definição quanto às dezenas de Secretários de Estado que querem disputar cadeiras na Câmara Federal e nas Assembleias Legislativas. Vê o deputado pernambucano, como tem enfatizado, uma usurpação na classe política. "Afinal, muitos Secretários chegaram às Pastas como técnicos. Agora, gostaram, e querem virar políticos", diz Airon Rios. E se houver uma definição clara da cúpula arenista e do Sistema quanto aos Governadores e os Secretários que pretendem fazer incursões na área política, invadindo, na maioria dos casos, áreas eleitorais dos parlamentares, o assunto poderá ser levado às tribunas do Congresso em nível de denúncias.